



**DOENÇA FALCIFORME:
A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA!**

Índice

Apresentação	1
Conhecendo o nosso sangue	2
Traço falciforme	4
Doença falciforme	4
Sintomas que exigem cuidado imediato.	6
Crises de dor	6
Febre	7
Priapismo	8
Outros sintomas	8
Icterícia	8
Úlcera de perna	9
Como a escola e professores podem ajudar?	10
Em casos de afastamento da escola:	10
Programa de atenção às pessoas com doença falciforme - PAPDF	12
Informações básicas	13
Links recomendados	16
Contatos e Realização	17

APRESENTAÇÃO

A escola é um espaço de grande importância para o desenvolvimento intelectual e social das crianças. É na escola que elas passam boa parte do seu dia, desenvolvendo sua formação enquanto pessoa, enquanto cidadã. Uma série de questões pode interferir no processo de aprendizagem e adaptação ao ambiente escolar constituindo verdadeiros desafios a serem enfrentados e superados não só pela criança, mas pela família e a própria escola. Sem dúvida a doença falciforme é um destes desafios que requer a união de forças de uma rede social de forma a possibilitar o pleno desenvolvimento da criança.

A doença falciforme é a doença genética de maior incidência no Brasil. Dados da triagem neonatal mostram que no Brasil nascem cerca de 3500 crianças por ano com doença falciforme, sendo 1 bebê a cada 1000 nascimentos. Salvador tem a maior incidência do país, sendo 1 bebê com doença falciforme a cada 650 nascidos vivos, o que representa em média 65 crianças por ano. É uma doença grave, ainda sem cura, que pode trazer implicações sérias e até mesmo

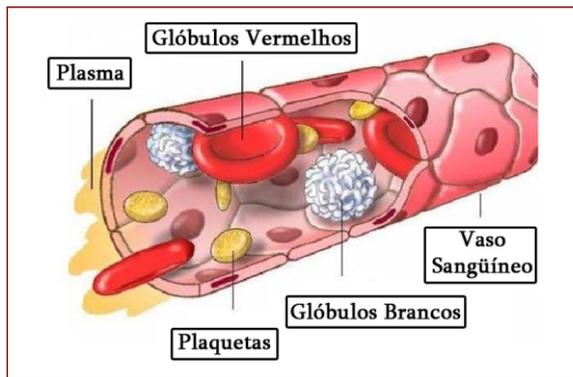
levar a morte caso não tenha assistência adequada. O diagnóstico precoce, acompanhamento regular com equipe de saúde, além de suporte social podem reduzir muito e até evitar os agravos e complicações da doença.

Por este motivo, as Secretarias Municipais de Saúde, Educação, junto com a ABADFAL- Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme estão desenvolvendo ações de modo a potencializar o papel da escola e educadores. Este manual é uma delas.

Buscamos reunir aqui informações importantes tanto para os professores que têm estudantes com doença falciforme em suas turmas, quanto àqueles que buscam conhecer mais sobre esta realidade que afeta tantas crianças no nosso município. Esperamos que ele alcance seu objetivo!

CONHECENDO NOSSO SANGUE

O nosso sangue é formado pelo plasma (parte líquida) e por três tipos de células: as **hemácias** (glóbulos vermelhos), os glóbulos brancos e as plaquetas. As hemácias são células arredondadas e flexíveis, que têm facilidade de circular em todos os vasos sanguíneos do corpo, mesmo os mais finos.

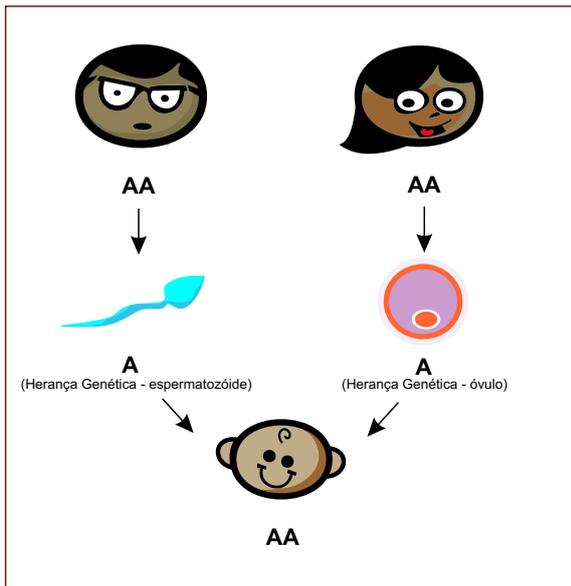


Elas são repletas de uma proteína chamada **hemoglobina**, que dá a cor vermelha ao sangue. A hemoglobina também exerce a importante função de levar o oxigênio captado no pulmão para todas as partes do corpo, possibilitando o perfeito funcionamento do organismo. Cada pessoa

tem dois tipos de hemoglobinas, uma é determinada através da herança genética recebida do pai e outra da mãe. A hemoglobina mais comum é chamada **hemoglobina A** (de Adulto), mas existem hemoglobinas anormais como, por exemplo, **C, D, E** e também a **hemoglobina S**, que é a grande responsável pela alteração no formato da hemácia (falcização) que caracteriza a doença falciforme. A união de uma destas hemoglobinas seja C, D ou E com a hemoglobina S compõe um grupo de doenças chamado de Doença Falciforme. A anemia falciforme é a doença mais grave e mais comum deste grupo, sendo caracterizada pela presença duplicada da hemoglobina S, ou seja, a pessoa com anemia falciforme tem a herança genética SS.

Assim como a cor dos olhos, da pele, tipo de cabelo e outras características do nosso corpo, o tipo de hemoglobina é também determinado através da herança genética. A herança é passada dos pais aos filhos, através dos genes, contidos no DNA. Recebemos a metade de nossa herança genética do pai, através do espermatozóide,

e a outra metade da mãe, através do óvulo. Estas metades se unem durante a fecundação, compondo a informação genética da criança. É importante destacar que tanto a divisão da informação genética no momento da formação do óvulo e espermatozóide, quanto a junção destas metades que acontece durante a fecundação ocorre de forma aleatória, sem nenhum controle dos pais.



Processo de transmissão da herança genética

A maioria das pessoas tem herança genética AA e só tem hemoglobina normal (redonda e flexível); as que têm herança AS são portadoras do traço falciforme; as que têm herança SC, SD, SE ou SS têm um tipo de doença falciforme e precisam de acompanhamento com equipe de saúde.

A hemoglobina S decorre de uma mutação genética ocorrida a centenas de milhares de anos atrás. Esta mutação foi de grande importância durante uma séria epidemia de malária que há milhares de anos afetou principalmente o continente africano. Os indivíduos que tinham o gene da hemoglobina S não desenvolviam a malária, estando naturalmente resistentes a ela. Esta proteção natural fez com que eles sobrevivessem, passando o gen S a seus descendentes. Assim, pode-se dizer que a existência da hemoglobina S foi decisiva para a manutenção da vida no continente africano.

Durante o período da escravidão, com seqüestro de parte da população africana para o trabalho escravo, o gene da hemoglobina S se espalhou pelo mundo. Por ter sido grande o contingente de negros e negras forçosamente trazidos para o Brasil,

é alta a incidência da doença falciforme em todo o país, em especial na Bahia. É devido a sua origem no continente africano que a hemoglobina S é mais comumente encontrada na população negra. É importante destacar que devido ao processo de miscigenação que marca a população brasileira é possível encontrar pessoas brancas com traço ou doença falciforme.

TRAÇO FALCIFORME

A combinação de um gene para hemoglobina A com outro gene para hemoglobina S caracteriza o traço falciforme. A pessoa portadora de traço não tem e nunca vai desenvolver a doença. Elas têm em seu sangue uma pequena quantidade de hemácias que têm a capacidade de ficar em formato de foice (falcizadas), mas que não comprometem, de modo algum, o funcionamento do organismo.

Assim, portadores do traço falciforme não precisam de acompanhamento com equipe de saúde, nem de cuidados especiais. Em Salvador, 1 a cada 17 bebês nasce com o

traço falciforme. No Brasil a estimativa é de 200 mil crianças nascidas com o traço por ano.

DOENÇA FALCIFORME

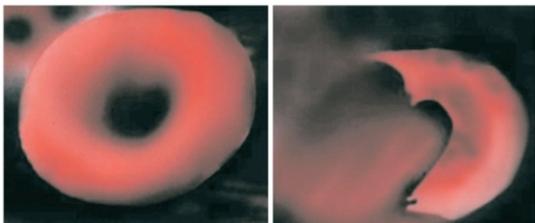
A mutação na hemoglobina S faz com que a hemácia que normalmente é arredondada e flexível torne-se enrijecida e em formato de foice (daí o nome falciforme).

Atividade física em excesso, mudanças bruscas de temperatura, ou qualquer outra condição que leve a desidratação pode levar a falcização da hemácia. Durante as crises o número de hemácias falcizadas aumenta muito levando a vaso-oclusão, que é o entupimento dos vasos causado pela dificuldade da circulação das hemácias alteradas.

Este bloqueio na circulação impede a chegada do oxigênio aos tecidos o que vem desencadear os sintomas. Logo, as pessoas que têm um dos tipos de doença falciforme precisam de alguns cuidados e acompanhamento regular com equipe de saúde para monitorar o quadro clínico,

atuando preventivamente de forma a evitar complicações.

O professor pode contribuir muito através da atuação direta com crianças/adolescentes com a doença falciforme e suas famílias.



Hemácia em estado normal

Hemácia falcizada

Para tanto, é importante que tenha acesso a informações corretas, tendo o conhecimento necessário de modo a não negligenciar e nem superproteger a criança. É fundamental ter esta compreensão, pois a criança com doença falciforme antes de ter uma doença crônica, é uma criança que como todas as outras ri, brinca, chora, faz travessuras, cai e também levanta.

A doença é uma condição especial que vai exigir certos cuidados, mas que não necessariamente exerce impacto negativo

em seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial.

O grande desafio, para a escola, família e toda a comunidade é encontrar a medida certa na relação com a criança de modo a entender a especificidade que a doença traz, mas também possibilitar o desenvolvimento das potencialidades que esta criança tem. Deste modo, o professor pode contribuir positivamente na sua forma de lidar com a doença bem como em sua trajetória escolar, o que terá impacto em seu futuro, tanto pessoal quanto profissional.

A doença pode levar a sintomas sérios, mas, é bom destacar que nem todas as pessoas com doença falciforme apresentam todos os sintomas e da mesma forma. A doença falciforme tem uma variabilidade clínica muito grande, cursando de forma diferente de pessoa a pessoa, mesmo entre irmãos podem existir diferenças. Enquanto umas crianças têm mais infecções, outras apresentam mais crises de dor e outras podem passar longos períodos sem desenvolver nenhuma complicação. Apresentamos a seguir os principais sintomas da doença e de que forma o professor pode identificar e também ajudar

o jovem estudante a superá-los. Assim, ela/ele saberá que pode contar com o professor caso precise.

SINTOMAS QUE EXIGEM CUIDADO IMEDIATO

Crises de dor

A dor é o sintoma mais comum na doença falciforme, sendo o principal motivo de hospitalização. É causada pelo bloqueio da circulação devido a falcização das hemácias que levam a vaso-oclusão, provocando ausência de oxigênio em alguns tecidos. Sua frequência, intensidade e duração são variáveis de momento a momento e de pessoa a pessoa, mas estão de um modo geral, presentes na vida de todas as pessoas que têm doença falciforme. Fatores como excesso de exercício físico, exposição ao frio ou calor, estresse e variação de temperatura podem desencadear falcização das hemácias e conseqüentemente crises de dor. Podem durar algumas horas ou até

mesmo dias. A intensidade pode ser leve, sendo tratada com ingestão de água e analgésicos ou ser bastante severa, exigindo hospitalização.

Devemos lembrar também que dor é uma experiência subjetiva, cada pessoa experiência sua dor de forma diferente, e só ela é capaz de falar sobre sua intensidade. Assim, a dor em uma criança com doença falciforme não necessariamente implicará afastamento da escola, isto dependerá da intensidade e tipo de dor e neste caso a opinião da criança deve ser levada em consideração.

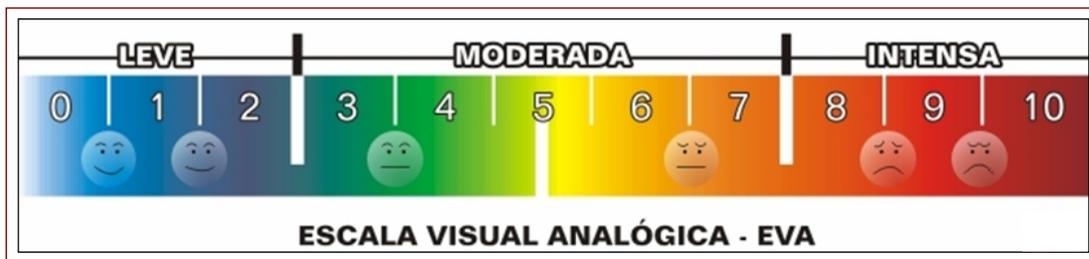
Neste contexto o professor pode:

a) Observar mudanças no comportamento da criança. Quando estão com dor algumas crianças ficam mais quietas, caladas, não contando o que estão sentindo; outras podem ficar irritadiças, impacientes, agressivas; e outras falam logo o que sentem. Cada criança reage de um jeito, o importante, como já foi dito, é deixar a criança à vontade para falar caso esteja sentindo alguma coisa. O quanto antes reconhecer a dor e iniciar o cuidado, mais fácil evitar o agravamento do quadro.

b) Avaliar a intensidade pedindo que a criança indique qual a intensidade da dor. Isto ajuda a monitorar o quadro, observando se o tratamento dispensado está tendo efeito. É recomendado que a escola ou a própria criança tenha a escala analógica visual de avaliação da dor, mas caso não tenha pode ser diretamente perguntado a criança qual é a sua dor de 0 a 10 para que responda verbalmente.

c) Entrar em contato com os pais, deixando-os informados da situação, o que pode ser feito por telefone ou recado no diário.

d) Estimular a ingestão de líquidos, que é sempre importante para a pessoa com doença falciforme, mas principalmente durante uma crise de dor. Isto aumenta a hidratação celular, ajudando a hemácia a ficar redondinha e flexível novamente, diminuindo a vaso-oclusão.



Febre

Febre é sinal de infecção e para crianças com doença falciforme é uma situação de risco, precisando pronto encaminhamento para avaliação médica. São os mesmos tipos que acometem outras crianças, contudo, as

crianças com doença falciforme são mais susceptíveis a contraí-las, além de apresentarem evolução mais rápida e mais grave, podendo levar a morte. Febre em uma criança com doença falciforme não deve ser tratada da mesma forma que em outra criança, ela requer cuidado imediato.

Como o professor/escola pode ajudar:

a) Se tiver termômetro, medir a temperatura da criança para confirmar a febre. Sendo maior que 37.8 entrar em contato com a família para que a criança seja levada para atendimento médico.

b) Caso não seja possível contatar a família, a escola deve procurar a Unidade Básica de Saúde (UBS) referência em doença falciforme para aquela criança, explicando a situação para dar o devido encaminhamento.

c) Explicar a criança o que está acontecendo, informá-la de que será levada para avaliação médica como forma de poder cuidar melhor dela. É importante termos a compreensão de que a criança deve ser informada, mas que isto não quer dizer que ela precise ser alarmada.

Priapismo

É a ereção involuntária, prolongada e dolorosa do pênis, não tendo nenhuma relação com desejo sexual. Geralmente começa a ocorrer a partir da

adolescência, mas há registro de meninos que com 03 anos já apresentaram tal sintoma. É uma questão séria, muito dolorosa e que deve ser tratada o quanto antes, pois pode deixar seqüelas levando até mesmo a impotência. Esta situação é bastante delicada e deve ser tratada com muito respeito e seriedade, pois envolve a sexualidade de um jovem que muitas vezes não sabe o que está acontecendo com ele, sente-se envergonhado e acaba escondendo, sofrendo sozinho.

OUTROS SINTOMAS

Além das emergências, há outros sintomas que merecem atenção especial do professor pois, costumam interferir na interação social dos jovens com doença falciforme, o que traz implicações em seu desenvolvimento psicossocial. São eles:

Icterícia

As células sanguíneas estão constantemente sendo destruídas e repostas por novas células. No caso das

peças com doença falciforme as hemácias são destruídas mais rapidamente liberando bilirrubina que em excesso deixa a parte branca do olho (esclera) com uma cor amarelo ouro. Não tem relação com hepatite ou qualquer doença contagiosa mas, por falta de informação as pessoas costumam se afastar, evitar contatos físicos, discriminando as pessoas que apresentam tal sintoma.

Na escola é comum darem apelidos, evitar brincar, sentar perto, o que leva a isolamento social e desmotivação para ir à escola. Assim, é importante que o professor esteja atento ao tipo de interação entre as crianças, intervindo caso seja necessário.

Úlcera de perna

São feridas localizadas na região abaixo do joelho, principalmente na área próxima ao calcanhar, que normalmente aparecem a partir dos 10 anos. Podem surgir devido a picadas de insetos, machucados, ou mesmo espontaneamente e geralmente são de

cicatrização bastante difícil podendo levar meses ou vários anos para fechar. Por este motivo costumam ter sério impacto no desenvolvimento psicossocial destas pessoas que, muitas vezes, evitam usar bermudas, saias, sandálias ou qualquer tipo de vestimenta que exponha a úlcera.

Além disso, deixam de participar de atividades como ir à praia, praticar esportes, entre outras que são importantes para o convívio social.

Caso perceba-se o aparecimento de icterícia e úlcera de pernas é bom averiguar se a/o jovem está fazendo tratamento com equipe de saúde. Verificar se está ocorrendo alguma dificuldade com relação a acesso ao serviço. Caso tenha, deve-se entrar em contato com UBS de referência mais próxima ou com a coordenação do Programa de Atenção às Pessoas com Doença Falciforme (PAPDF) para dar o devido encaminhamento.

COMO A ESCOLA E PROFESSORES PODEM AJUDAR?

A escola é muito importante na atuação com as crianças/adolescentes com a doença falciforme e suas famílias, mas de modo algum, sua ação deve estar restrita a elas.

A invisibilidade e desconhecimento sobre a doença em toda a sociedade ainda são marcantes e acabam levando a (re) produção de mitos e preconceitos. Assim, é comum acharem que a doença falciforme é contagiosa ou que pessoas com a doença são menos inteligentes, fracas ou que morrerão cedo. Tais mitos devem ser enfrentados com informação correta e acessível, pois resultam apenas em discriminação e sofrimento.

Neste sentido, a escola é peça fundamental, pois ao inserir a temática no conteúdo programático das diversas disciplinas de forma transversal, bem como ao promover atividades de pesquisa, feiras e seminários o educador estimula a produção e difusão do

conhecimento sobre a doença, ajudando no combate ao preconceito e a discriminação.

Uma dica importante é falar sobre a doença em sala de aula, antes mesmo que os sintomas se apresentem, explicando o que é e desconstruindo os mitos. Assim, as crianças terão a informação previamente e será mais fácil lidar com os sintomas caso eles apareçam. Importante refletir que não é preciso indicar que há uma criança na sala com a doença, pois pode ser que ela prefira não falar sobre sua condição, o que deve ser respeitado. Trabalhar o tema em sala de aula será uma forma de acolhê-lo, mesmo que os colegas não saibam que ele/ela tem.

Em casos de afastamento da escola

Devido à necessidade de acompanhamento regular com equipe de saúde, é possível que em alguns momentos o jovem com doença falciforme necessite faltar aula para fazer o acompanhamento ambulatorial através das consultas e exames periódicos, ou

mesmo para tratamento de crises, seja com hospitalização seja em repouso domiciliar. Tais eventos em menor ou maior grau provocam ausências escolares, que devem ser acompanhadas de perto por pais e professores de modo a não trazer implicações para o desenvolvimento educacional do estudante.

Assim, é importante que a comunicação entre escola e família esteja aberta de forma que as ausências inevitáveis sejam notificadas.

Nos casos de enfrentamento às crises, os pais vêm-se em meio a um turbilhão de emoções e preocupações onde o contato com a escola nem sempre lhes é possível. Assim, em casos de ausências repetidas é indicado que a escola entre em contato com a família para verificar qual a situação e, se for necessário, elaborar um plano de estudos adaptado a realidade da criança naquele momento.

A manutenção dos estudos durante as crises facilita o posterior retorno à escola, bem como contribui para aproximação dos pais ao contexto escolar dos filhos, já

que geralmente durante as crises os pais se afastam do trabalho, ficando com dedicação exclusiva a criança.

O contato da escola é também uma forma de acolher a criança e sua família, fazendo que sintam que não estão sozinhos neste momento difícil. Ao mesmo tempo, é muito importante para o jovem com doença falciforme, pois o mantém de algum modo próximo ao seu cotidiano, diminuindo o isolamento que a hospitalização/ repouso domiciliar acabam causando.

Nos casos de internamento, as classes hospitalares constituem-se em um importante serviço que deve ser aproveitado tanto pela escola formal quanto pela família.

A classe hospitalar é uma modalidade de atendimento pedagógico que entre outros objetivos, prima pela garantia da continuidade dos estudos de jovens com patologias que exijam hospitalização ou outros procedimentos terapêuticos que venham interromper, mesmo que momentaneamente, o acesso à escola formal.

Assim, em caso de internamento, é indicado que a escola entre em contato com a família e a classe hospitalar, encaminhando as atividades e assuntos debatidos em sala de aula durante o período no qual a/o estudante está afastado.

Em Salvador, através de parceria da Secretaria Municipal de Educação e a ONG Instituto Escola Hospitalar e Atendimento Domiciliar Criança Viva, há classes hospitalares em funcionamento nas seguintes instituições:

- João Batista Caribé
- Centro Pediátrico Professor Hosanah de Oliveira (Hospital das Clinicas)
- Martagão Gesteira
- Roberto Santos (Unidade de Nefrologia Pediátrica e adulto)
- Couto Maia
- Santa Isabel (Unidade de Cardiopatia Pediátrica)
- Santa Isabel (Unidade de Oncohematologia Pediátrica Erik Loeff) GACC (Grupo de Apoio à Criança com Câncer)
- Casa de Saúde Erik Loeff
- Casa de Apoio à Criança Cardiopata
- Creche Conceição Macêdo

- Eládio Lassere
- CAASAH
- Ana Neri

PROGRAMA DE ATENÇÃO ÀS PESSOAS COM DOENÇA FALCIFORME - PAPDF

Há cerca de 20 anos que o Movimento de homens e mulheres negras, além de entidades de familiares e pessoas com Doença Falciforme, na Bahia representados pela ABADFAL, reivindicam ações de cuidado e atenção à saúde da população negra, particularmente a implantação de um programa de atenção integral às pessoas com doença falciforme.

A partir de março de 2005, a Secretaria Municipal de Saúde começou a implantar o Programa de Atenção às Pessoas com Doença Falciforme de Salvador (PAPDF), de acordo com as diretrizes da Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme e outras Hemoglobinopatias e da Política Nacional

de Saúde Integral da População Negra, considerando a diversidade racial da população e contribuindo para a promoção da equidade na atenção à saúde.

Assim, iniciou-se o desenvolvimento de ações à promoção do conhecimento da doença, do acesso aos serviços de diagnóstico e tratamento, bem como as ações educativas dirigidas aos profissionais de saúde e à população.

A atuação do PAPDF está assentada em três bases: o diagnóstico precoce; assistência integral, descentralizada e de qualidade; e o desenvolvimento de ações educativas. Diversas ações têm sido realizadas com este objetivo, entre elas a identificação de 12 Unidades Básicas de Saúde (UBS) Referência em doença falciforme, distribuídas por toda a cidade, uma por distrito sanitário. Cada uma destas unidades conta com uma equipe multiprofissional composta por pediatra, enfermeiro, assistente social, farmacêutico/bioquímico, psicólogo e nutricionista preparados para atender as crianças, acompanhando-as regularmente.

A UBS de referência é um ponto importante da rede social voltadas às pessoas com doença falciforme e suas famílias, sendo uma parceira da escola. Caso, algum estudante ainda não esteja sendo acompanhado por uma UBS referência, a própria escola pode fazer a indicação.

As UBS referência são as seguintes:

DISTRITOS SANITÁRIOS	UNIDADES DE REFERÊNCIA
BARRA/RIO VERMELHO	15º C.S (Vale das Pedrinhas)
BROTAS	14º C.S. (Sete Portas)
CABULA /BEIRÚ	6º C.S. (Beirú/ Tancredo Neves).
CAJAZEIRAS	C. S. Nelson Plauhy Dourado (Águas Claras)
CENTRO HISTÓRICO	C.S. Carlos Gomes
ITAPAGIPE	U. S. Ministro Alkimin (Massaranduba)
SÃO CAETANO/VALÉRIA	U. S. Marechal Rondon
SUBÚRBIO	C. S. Adroaldo Albergaria (Periperi)
ITAPUÃ	7º C. S (Itapuã)
BOCA DO RIO	12º C.S. (Imbui)
LIBERDADE	3º C.S. (Liberdade)
PAU DA LIMA	C.S. 7 de Abril

INFORMAÇÕES BÁSICAS

- Portadores do traço falciforme (AS) não têm e nunca vão desenvolver a doença.
- Não confundir anemia falciforme com anemia ferropriva, que é caracterizada pela deficiência de ferro. São anemias diferentes com causas, sintomas e cuidados distintos. Para pessoas com doença falciforme não é necessária a indicação de comer alimentos ricos em ferro, salvo em condições especiais orientadas por uma nutricionista.
- Crianças com doença falciforme NÃO são molinhas, fracas nem têm aspecto de doente. É comum achar que elas são assim o tempo todo, mas isto não condiz com a realidade. A doença é uma condição especial, que vai requerer alguns cuidados, mas que não as impede de ser criança, de viver sua infância no sentido mais pleno que isto pode ter. No dia a dia elas podem brincar, correr, fazer travessuras e descobrir o mundo como qualquer criança.
- Crianças com doença falciforme não têm seu desenvolvimento cognitivo afetado

pela doença. Isto pode vir a ocorrer como consequência de um derrame causado por uma vaso-oclusão na região cerebral, mas só acontece com algumas pessoas, não é uma regra. O acompanhamento regular com equipe de saúde pode prevenir que isto venha acontecer. Dificuldades de aprendizagem podem surgir em decorrência do tipo de interação estabelecida com a criança e não como consequência direta da doença. É importante que todos tenham o pensamento de que, como qualquer criança, ela deve descobrir tanto suas potencialidades quanto seus limites.

- É importante que pessoas com doença falciforme mantenham-se bem hidratadas. Logo, o professor deve ter um olhar diferenciado quanto à liberação para beber água e ir ao banheiro para os jovens que têm a doença.
- A vaso-oclusão também pode ser desencadeada por atividade física excessiva que leva a desidratação. Então pessoas com doença falciforme podem fazer exercícios, tendo o cuidado em manter a hidratação e fazer uma pausa quando necessário. A medida certa é

diferente para cada criança e é interessante que ela seja estimulada a conhecer a sua, pois além de benéfica para a saúde, a atividade física na escola é também uma importante forma de interação social.

- Ter a ficha da criança atualizada, incluindo: observações médicas que sejam relevantes para a escola; telefones de contato dos pais e outras pessoas de referência; contato da Unidade Básica de Saúde de referência onde a criança é acompanhada regularmente.
- É importante a realização de atividades para divulgação da doença falciforme. Podem ser feiras, seminários, palestras abertas a estudantes, profissionais, pais e comunidade. Estas atividades podem ser articuladas em parcerias com a ABADFAL, com unidades de saúde, CRAS (Centros de Referência em Assistência Social), associações comunitárias e outras organizações. Assim a escola atua na promoção à saúde não só dos estudantes, mas de toda a comunidade!

LINKS RECOMENDADOS

- **Abadfal - Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme**

<http://www.abadfal.org.br/>

- **Ministério da Saúde - Página com manuais produzidos pelo MS indicada para os que desejarem informações mais detalhadas**

http://www.anvisa.gov.br/sangue/p_hemoglobinopatia/index.htm

- **Cerelepe - Centro de Estudos Sobre Recreação, Escolarização e Lazer em Enfermarias Pediátricas**

http://www.cerelepe.faced.ufba.br/index_pt.php

- **Cehmob - Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias**

<http://www.cehmob.org.br/>

CONTATOS

- **PAPDF** - Programa de atenção às pessoas com doença Falciforme:
telefone: 3186-1065
e-mail: anemiafalciforme@salvador.ba.gov.br
- **ABADFAL** - Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme:
e-mail: abadfal@ig.com.br

REALIZAÇÃO

- **ABADFAL** - Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme
- **Prefeitura Municipal de Salvador:**
 - Secretaria Municipal da Saúde
 - Secretaria Municipal da Educação e Cultura

CRÉDITOS

Realização



Secretaria Municipal
da Saúde

Secretaria Municipal
da Educação e Cultura



Apoio

